

## **Perfil sociodemográfico e econômico das famílias produtoras de milho: evidência empírica do Distrito de Sussundenga, Moçambique**

**Social, demographic and economic profile of maize growers' households: empirical evidence from Sussundenga District, Mozambique**

**Perfil sociodemográfico y económico de las familias productoras de maíz: evidencia empírica del Distrito de Sussundenga, Mozambique**

Recebido: 05/03/2022 | Revisado: 12/03/2022 | Aceito: 19/03/2022 | Publicado: 26/03/2022

**Sérgio Feliciano Come**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0866-1423>  
Universidade Zambeze, Moçambique  
E-mail: [sergiofcome@gmail.com](mailto:sergiofcome@gmail.com)

**José Ambrósio Ferreira Neto**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1173-4582>  
Universidade Federal de Viçosa, Brasil  
E-mail: [ambrosio@ufv.br](mailto:ambrosio@ufv.br)

**Eunice Paula Armando Cavane**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8950-7948>  
Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique  
E-mail: [cavaneeu@gmail.com](mailto:cavaneeu@gmail.com)

### **Resumo**

Este estudo objetivou descrever as características sociodemográficas e econômicas das famílias produtoras de milho do distrito de Sussundenga, Moçambique. A coleta de dados foi por aplicação de questionário a 140 produtores de milho e quatro reuniões em grupo focal com esses agricultores nos meses de fevereiro e março de 2018. Após a coleta, os dados foram analisados por meio de estatística descritiva. Os resultados apontam que apesar de a maioria da população do distrito ser do sexo feminino, as famílias produtoras de milho são majoritariamente chefiadas por homens. Verificou-se relação inversa entre idade e nível escolar dos chefes desses agregados. Se comparadas com os homens, as mulheres apresentam menor escolaridade e estão menos envolvidas em atividades diferentes da agricultura. A maioria das famílias tem baixa renda *per capita*. Embora muitas famílias sejam pluriativas, a agricultura continua atividade econômica importante. As famílias cultivam uma multiplicidade de culturas, sendo o milho o mais importante. As falhas de mercado limitam a predisposição das famílias em produzir essa cultura com orientação ao mercado. Nesse sentido, ações visando reduzir as falhas de mercado podem ser cruciais para os produtores tirarem mais proveito econômico da produção de milho.

**Palavras chave:** Agricultura; Autoconsumo; Economia; Família rural; Gênero.

### **Abstract**

This study aimed to describe the socio demographic and economic characteristics of maize growers' households in Sussundenga district, Mozambique. Data were collected by applying questionnaire to 140 maize growers and four focus group meetings with these farmers between February and March, 2018. After collection, data were analyzed using descriptive statistics. The results show that although the majority of the population in the district is female, maize grower's households are mostly male-headed. There was an inverse relationship between age and school level of the households heads. Compared to men, women are less educated and less involved in activities other than agriculture. Most households have low income *per capita*. Although many households practice off-farm activities, agriculture remains an important economic activity. Households grow a wide range of crops, with maize being the most important. Market failures limit the willingness of households to produce this crop with market-oriented. In this sense, actions to reduce market failures can be crucial for farmers to make the most of maize production.

**Keywords:** Agriculture; Self-consumption; Economy; Rural household; Gender.

### **Resumen**

Este estudio tuvo como objetivo describir las características sociodemográficas y económicas de las familias productoras de maíz en el distrito de Sussundenga, Mozambique. La recolección de datos se realizó mediante la aplicación de un cuestionario a 140 productores de maíz y cuatro reuniones de grupos focales con estos agricultores en febrero y marzo de 2018. Luego de la recolección, los datos se analizaron mediante estadística descriptiva. Los resultados muestran que

si bien la mayoría de la población del distrito es femenina, las familias productoras de maíz en su mayoría son encabezadas por hombres. Hubo una relación inversa entre la edad y el nivel educativo de los jefes de hogar. En comparación con los hombres, las mujeres tienen menos escolaridad y están menos involucradas en actividades distintas a la agricultura. La mayoría de las familias tienen un ingreso per cápita bajo. Aunque muchas familias son pluriactivas, la agricultura sigue siendo una actividad económica importante. Las familias cultivan multitud de cultivos, siendo el maíz el más importante. Las fallas del mercado limitan la predisposición de las familias a producir esta cultura orientada al mercado. En este sentido, las acciones dirigidas a reducir las fallas del mercado pueden ser cruciales para que los productores se beneficien más económicamente de la producción de maíz.

**Palabras clave:** Agricultura; Autoconsumo; Economía; Familia rural; Género.

## 1. Introdução

Moçambique é um país com economia essencialmente agrária no qual a agricultura contribui com cerca de 25% do Produto Interno Bruto-PIB (Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar-MASA, 2015). A reduzida contribuição da agricultura no PIB reflete a baixa produtividade desse setor que, apesar disso, emprega cerca de 80% da população economicamente ativa (Cunguara et al. 2013). O crescimento agrário em Moçambique é crucial para o bem estar da população e constitui fonte essencial para promover o crescimento econômico do país em geral e das famílias em particular. Apesar disso, a agricultura moçambicana é caracterizada por muitos desafios, resultando em baixa produção e produtividade (Marassiro et al. 2021). Segundo os mesmos autores, essa atividade é praticada maioritariamente por agricultores do setor familiar com recursos bastante limitados.

A cultura de milho é considerada a mais importante em Moçambique. Esse cereal ocupa primeiro lugar em termos de produção e comercialização, constituindo a base alimentar para os mais de 28 milhões de pessoas (Zidora et al. 2018). Entretanto, a produtividade média nacional do milho é das mais baixas de África (Dias, 2013). Uma das causas apontadas para essa situação é o reduzido uso de insumos. Por exemplo, a produção de milho é feita majoritariamente com uso de sementes locais/tradicionais. Apenas 7% de produtores de milho em Moçambique cultivam variedades melhoradas desse cereal (Uaiene et al. 2009). Desse modo, a realização de diagnóstico de produtores é crucial para a compreensão do contexto em que cultivam essa cultura. Swanepoel et al. (2017) apontam que informações detalhadas sobre os agregados familiares (AF), são inputs para o planejamento de ações de desenvolvimento. Alinhando na mesma perspectiva, Neitzke et al. (2014) apontam que trabalhos que visam à análise do perfil das agroindústrias familiares de uma determinada região são extremamente importantes, pois levantam dados a cerca das características do setor.

Assim, este estudo objetiva descrever as características sociodemográficas e econômicas dos produtores de milho do distrito de Sussundenga, região central de Moçambique. O estudo se justifica pela possibilidade de identificar os gargalos e outros elementos influenciadores da produção e produtividade do milho na região. Isso se afigura essencial para o desenho de estratégias de intervenção de programas de pesquisa agrária e de extensão rural de modo que os produtores rurais do distrito de Sussundenga melhorem a produtividade do milho e ampliem suas rendas. Além da introdução, o trabalho é composto por três seções, nomeadamente: procedimentos metodológicos, resultados e discussão e considerações finais.

## 2. Procedimentos Metodológicos

O presente estudo é de natureza quantitativa. Esse tipo de pesquisa é caracterizado pelo uso da quantificação, tanto durante a coleta de dados, bem como no tratamento deles por meio de técnicas estatísticas (Richardson, 1999). O trabalho de campo que permitiu a coleta de dados foi feito entre fevereiro e março de 2018 no distrito de Sussundenga, província de Manica, Moçambique. O distrito de Sussundenga tem superfície de cerca de 7.100 Km<sup>2</sup> e é limitado a norte pelos distritos de Gondola e Manica, a oeste pelo Zimbábue, a sul pelo distrito de Mossurize e a este pelo distrito de Búzi, pertencente à província de Sofala (Ministério da Administração Estatal-MAE, 2014). O distrito tem quatro postos administrativos nomeadamente: Sussundenga

Sede, Muoha, Dombe e Rotanda (MAE, 2014). Segundo a mesma fonte, estimativas apontam que o distrito tem cerca de 186.000 habitantes e a agricultura é a principal atividade praticada pelas famílias locais em que as principais culturas são milho, feijões, olerícolas, frutas, entre outros produtos.

Os dados foram coletados por meio de aplicação de questionário a 140 produtores de milho distribuídos da seguinte maneira pelos quatro postos administrativos: Sussundenga Sede 55, Dombe 53, Muoha 21 e Rotanda 11. A distribuição dos respondentes obedeceu à proporção da população existente em cada um dos postos administrativos. Estimativas do MAE (2014) apontam que no Posto Administrativo de Sussundenga residem 39% da população do distrito, em Dombe 38%, em Muoha 14% e os restantes 8% em Rotanda. Para a seleção dos entrevistados, foi contatado o Serviço Distrital de Atividades Econômicas para a indicação dos bairros e ou localidades onde residem agricultores assistidos pela extensão rural. Esse exercício visava que a amostra fosse composta tanto pelos agricultores assistidos, assim como também pelos não assistidos pela extensão rural. Além da aplicação de questionários, foram realizadas quatro reuniões de discussão em grupo focal com os produtores. Cabe mencionar que as reuniões em grupo focal visavam captar a percepção grupal sobre alguns dados obtidos por meio de questionários aos produtores. Após os produtores terem concordado que suas identidades seriam mantidas em sigilo, os conteúdos das reuniões foram gravados e transcritos *ipsis verbis*.

Os dados coletados nos questionários aos produtores são relativos ao perfil dos agregados familiares (AF), características das suas explorações agrícolas e acesso aos serviços de extensão e de pesquisa. O milho foi escolhido por ser a cultura alimentar mais importante. Após a coleta, os dados foram analisados por meio da estatística descritiva (média e tabelas de frequência). O processamento dos dados foi feito com auxílio do Pacote Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS).

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1 Características das famílias

Uma das variáveis frequentemente usadas para caracterizar as famílias dos produtores é o sexo do respectivo responsável. Melesse (2018) associa essa variável à adoção de tecnologias agrárias. Segundo o autor, a maioria dos sistemas culturais coloca o homem como responsável da família, ganhando maior liberdade para participar de treinamentos e reuniões que ajudam a ter acesso a informações sobre tecnologias. Assim, as famílias chefiadas por homens são mais propensas de adotar tecnologias agrárias se comparadas com as chefiadas por mulheres.

Segundo Brumer (2004), a cultura patriarcal, predominante em África e em outras regiões do mundo, atribui ao homem o papel de responsável pela família. A situação apontada pela autora é corroborada pelos dados da presente pesquisa que ilustram que 82,9% das famílias no distrito de Sussundenga são chefiadas por homens. Apesar disso, os homens perfazem 46,5% dos membros com mais de 14 de idade nesses agregados, o que demonstra uma população rural majoritariamente feminina. Esse cenário mostra que as mulheres, apesar de serem a maioria, têm pouca representatividade na chefia das famílias do distrito de Sussundenga como já foi mencionado por Brumer (2004) em relação ao continente africano. Cabe destacar que além de as mulheres perfazerem a maior porcentagem de pessoas no distrito de Sussundenga, elas são as que mais participam da produção agrícola (MAE, 2014). Outra variável igualmente importante de ser analisada juntamente com o perfil do gênero é o estado civil dos responsáveis pelas famílias.

Com relação a esse aspecto, o estudo mostra que 81,4% das famílias são chefiadas por homens casados. Nenhuma mulher casada afirmou ser chefe da família, o que mostra que elas só adquirem essa condição se forem solteiras ou viúvas. Nenhum homem chefe da família afirmou ser viúvo. Porém, isso não significa necessariamente que estes nunca tenham ficado viúvos, pois, nas regiões rurais da África, quando os homens ficam viúvos, eles tendem a casar novamente. Já as mulheres viúvas enfrentam dificuldades de casar de novo porque sofrem discriminação principalmente em culturas patriarcais. Não raras vezes, elas são consideradas responsáveis pela morte dos esposos e algumas continuam consideradas casadas, portanto, proibidas de

casar novamente (Manala, 2015). A idade dos chefes dos responsáveis pelas famílias rurais é outra variável importante para caracterizar os AF. Alguns estudos ilustram a influência dessa variável na probabilidade de adoção de tecnologias agrárias bem como na participação de atividades desenvolvidas pelas instituições de PA e de ER (Baker, 1988; Mwangi & Kariuki, 2015; Melesse, 2018). Os autores argumentam que agricultores mais novos são mais propensos a adotar as tecnologias agrárias pelo fato de terem melhor escolaridade. No entanto, pode também acontecer que os agricultores mais velhos tenham adquirido longa experiência e recursos para a adoção de novas tecnologias.

Os resultados do presente estudo ilustram que 63,6% dos chefes das famílias do distrito de Sussundenga têm entre 19 e 45 anos e a média de sua idade é de 42,4 anos, o que corrobora com os autores acima citados. Portanto, os dados ilustram que a maioria das famílias é chefiada por indivíduos que ainda apresentam energia para executar diversas atividades produtivas necessárias para suprir as demandas de seus agregados. Outro aspecto relevante é o fato de 6,4% de chefes de AF terem idade entre 19 e 25 anos o que revela que alguns indivíduos começam muito cedo a assumir responsabilidade pelas famílias. Esse fenômeno pode estar associado aos casamentos prematuros que caracterizam o distrito (MAE, 2014). De fato, quando dois indivíduos se juntam maritalmente, a tendência é de construírem sua própria casa, fazendo com que um deles, geralmente o homem, se torne o responsável dessa nova família, independentemente da idade.

Em relação ao tamanho das famílias, os dados de campo mostram que 40% das famílias são compostas por sete ou mais membros. Os resultados estão alinhados com os dados de Instituto Nacional de Estatística-INE (2015), que apontam que a região centro de Moçambique, em particular as províncias de Sofala e de Manica, onde está localizada a região de estudo, apresenta quantidade elevada de famílias compostas por sete ou mais membros. Em média, os AF do distrito têm 6,3 membros, ligeiramente superior à média da composição das famílias da província de Manica que é de 5,8 membros (INE, 2015). Além da composição e taxa de dependência das famílias, a escolaridade dos chefes dos agregados é outra variável igualmente importante de ser analisada. Mwangi e Kariuki (2015) apontam que a escolaridade influencia a tomada de decisão sobre questões ligadas à agricultura.

Em relação a essa variável, os dados ilustram que 60,6% dos chefes dos AF têm no mínimo o nível primário completo, sendo que a maioria desses indivíduos (39,3%) está na faixa entre 26 e 45 anos (Tabela 1). O documento de MAE (2005) menciona que houve expansão da rede escolar desde o fim da Guerra Civil em 1992, o que explica a elevada porcentagem de indivíduos dessa faixa etária e com escolaridade relativamente elevada.

**Tabela 1.** Idade e escolaridade dos chefes dos AF no distrito de Sussundenga (2018).

Idade do chefe do AF (anos)	Nível escolar do chefe do AF (%)						Total
	Não informado	Nenhum	Primário <sup>1</sup> incompleto	Primário completo	Secundário I Ciclo	Pré-universitário e superior	
Não informada	0,7	1,4	0,0	0,0	0,7	0,7	3,6
Entre 19-25	0,0	0,0	0,7	0,7	2,9	2,1	6,4
Entre 26-35	2,1	0,7	3,6	6,4	7,9	6,4	27,1
Entre 36-45	0,0	0,7	10,7	2,9	8,6	7,1	30,0
Entre 46-55	1,4	1,4	7,9	1,4	6,4	0,7	19,3
Entre 56-64	0,7	0,7	2,9	1,4	1,4	1,4	8,6
Mais de 64	0,0	0,7	2,9	0,7	0,0	0,7	5,0
Total	5,0	5,7	28,7	13,6	27,9	19,1	100,0

N=140. Fonte: Dados de campo (2018).

<sup>1</sup> No Sistema Nacional de Educação de Moçambique, o nível primário é do 1º ao 7º anos de escolaridade. O secundário de 1º Ciclo corresponde de 8º até 10º anos e o pré-universitário o 11º e 12º anos. Considerou-se primário incompleto a não conclusão do 7º ano. No país, o Governo institucionalizou o ensino primário como gratuito para todos os cidadãos.

A Tabela 1 ilustra também que dos 60,6% dos chefes de famílias com no mínimo sete anos de escolaridade, apenas 14,1% mais de 45 anos, indicando relação inversa entre idade e nível escolar. Durante o período da Guerra Civil (entre 1976 e 1992) praticamente não havia condições de segurança para o funcionamento das escolas. Desse modo, indivíduos nascidos até os inícios dos anos 1980 passaram por dificuldades de acesso a essas instituições. Apenas os nascidos nos anos 1990 encontraram ambiente favorável para estudar, tendo em conta o fim da Guerra Civil e a expansão da rede escolar. Por sua vez, indivíduos nascidos no tempo colonial (antes de 1975) enfrentaram dificuldades acrescidas para estudar porque o governo colonial português dificultava o acesso à escola para os negros, situação que se agravou porque esses indivíduos cresceram no momento da Guerra Civil. Esses fatores explicam a relação inversa entre o nível escolar e idade dos chefes dos AF. No entanto, não se exclui a possibilidade de outros fatores estarem a influenciar o atual nível de escolaridade dos residentes do distrito. Por exemplo, em períodos de guerra, as pessoas tendem a se refugiar em outros lugares como cidades e países vizinhos, mas quando o conflito cessa, algumas regressam as regiões de origem. Provavelmente esse cenário influenciou os níveis de escolaridade dos residentes do distrito, pois esses indivíduos podem ter aproveitado estudar enquanto estavam no refúgio.

O sexo do chefe do AF é outra variável igualmente importante de ser analisada juntamente com a escolaridade desse sujeito. Olmos (2011) aponta que nas culturas patriarcais, a escolaridade é associada ao sexo dos indivíduos. Os resultados do presente estudo mostram que 56,4% dos chefes das famílias são do sexo masculino e concluíram o ensino primário contra apenas 4,2% das mulheres na mesma situação (Tabela 2). Os homens têm em média oito anos de escolaridade e as mulheres apenas quatro, mostrando diferença de nível escolar entre esses dois grupos. Como mencionado anteriormente, há elevados índices de casamentos prematuros no distrito. Essa situação afeta mais a vida da mulher do que a de homem. Nas famílias com elevada restrição orçamentária, após o casamento, raras vezes a mulher recém-casada continua a estudar, visto que a maioria das responsabilidades de cuidar de casa recai para ela. O mesmo não acontece com o homem, pois enquanto de dia pode se engajar na busca de recursos para sustentar sua família, de noite pode ir à escola. Faz-se necessário mencionar que a frequência de curso noturno é uma prática comum entre adolescentes e jovens em Moçambique.

**Tabela 2.** Sexo e escolaridade dos chefes dos AF do distrito de Sussundenga (2018).

Nível escolar do chefe do AF	Sexo do chefe do AF (%)		Total
	Mulher	Homem	
Não informado	1,4	3,6	5,0
Nenhum	3,6	2,1	5,7
Primário incompleto	7,9	20,7	28,6
Primário completo	1,4	12,1	13,6
Secundário de I Ciclo	1,4	26,4	27,9
Pré-universitário e superior	1,4	17,9	19,3
Total	17,1	82,9	100,0

N=140. Fonte: Dados de campo (2018).

Na África e na Ásia, o baixo nível de escolaridade das mulheres é atribuído aos casamentos prematuros, gravidezes precoces, elevada incidência da pobreza nas famílias e trabalhos domésticos cuja responsabilidade recai mais para as mulheres (King & Winthrop, 2015). Segundo Olmos (2011), em África, algumas pessoas consideram que o mais importante para as mulheres é saber cozinhar para posteriormente ser boas esposas. Isso significa que na visão desses indivíduos, o principal lugar da mulher é o espaço doméstico, cabendo à família a responsabilidade de ensiná-la a desenvolver as competências necessárias para ocupar esse lugar que a sociedade a confere. Portanto, para essas pessoas, a escola é vista como lugar para rapazes. Essas práticas e visões reproduzem e legitimam a diferenciação dos papéis do homem e da mulher, perspectiva que considera que a

tarefa da mulher é de cuidar de casa enquanto o homem deve-se dedicar ao trabalho remunerado para sustentar a sua família (Sousa & Guedes, 2016). Esses fatores explicam a diferença de escolaridade entre homens e mulheres chefes de famílias no distrito de Sussundenga.

Sakamoto, et al. (2016) associam o nível de escolaridade do chefe da família à renda do agregado. Em relação a essa questão, os resultados mostram que 48,5% das famílias entrevistadas têm renda mensal total de até dois salários mínimos<sup>2</sup> (Tabela 3).

**Tabela 3.** Escolaridade de chefes dos AF e renda mensal total das famílias do distrito de Sussundenga (2018).

Nível escolar do chefe do AF	Renda mensal total do AF em salários mínimos (%)					Total
	Não informada	Até 1	Entre 1,1 e 2	Entre 2,1 e 3	Mais de 3	
Não informado	1,4	2,1	0,0	0,0	1,4	5,0
Nenhum	3,6	1,4	0,7	0,0	0,0	5,7
Primário incompleto	11,4	9,3	4,3	2,1	1,4	28,6
Primário completo	5,0	3,6	2,9	1,4	0,7	13,6
Secundário do I Ciclo	5,7	8,6	7,9	3,6	2,1	27,9
Pré-universitário e superior	5,7	1,4	6,4	2,1	3,6	19,3
Total	32,9	26,4	22,1	9,3	9,3	100,0

N=140. Fonte: Dados de campo (2018).

Embora a maioria dos agregados com renda superior a dois salários mínimos seja chefiada por indivíduos com no mínimo sete anos de escolaridade, esses sujeitos são chefes de cerca de 30% das famílias com renda de até dois salários mínimos. Isso evidencia que além da escolaridade do chefe do AF, que é um fator endógeno da família, existem condicionantes exógenos que influenciam a renda desses agregados. Por exemplo, Schwarze (2004) destaca a influência de fatores exógenos como instituições e infraestruturas na formação da renda das famílias rurais. No distrito de Sussundenga, e em Moçambique em geral, há escassez de oportunidades de emprego (MAE, 2014 e Ministério do Trabalho, Emprego e Segurança Social, 2016), o que pode explicar a existência significativa de famílias chefiadas por indivíduos com escolaridade relativamente elevada (no mínimo 7º ano), mas com baixa renda mensal. Portanto, mesmo com qualificações elevadas, são raras as possibilidades de inserção no mercado de trabalho formal no distrito de Sussundenga.

A renda média mensal das famílias do distrito é de 110,82 USD, quase duas vezes o salário mínimo e o seu desvio padrão é 116,23 USD. Entretanto, a renda média encontrada no presente estudo é inferior à média do custo da cesta básica das famílias da província de Manica. Segundo INE (2015), esta se situa em 126,00 USD, indicando que em circunstâncias similares das famílias da província de Manica, as do distrito de Sussundenga apresentariam déficit de renda para adquirirem suas cestas básicas. O fato de o desvio padrão da renda das famílias ser maior que a média mostra a elevada variabilidade desse dado. De forma a reduzir o efeito dos valores extremos, foram excluídas as rendas menores a 33,00 USD e as maiores a 333,33 USD e calculada uma nova média. Nessa condição, a renda média cai para 99,83 USD, uma redução de cerca de 10,00 USD. Portanto, mesmo com esse exercício, não se verifica alteração significativa da renda média das famílias do distrito.

<sup>2</sup> O salário mínimo considerado é o que no momento da coleta de dados vigorava em Moçambique. Os salários mínimos no país são definidos em função dos setores de atividade. Assim, considerou-se o salário praticado na agricultura, cerca de 3.500,00 Meticais-MT (cerca de 60 USD ao câmbio de 60,00 MT por USD).

Quando se divide a renda mensal das famílias que declararam este dado pelo número de membros que compõem cada agregado, constata-se que 60,7% dessas famílias têm renda mensal *per capita* situada abaixo da linha de pobreza<sup>3</sup>. Apenas 6,4% têm renda mensal *per capita* igual ou acima dessa linha, indicando a existência de muitas famílias pobres. Esses resultados sugerem que apesar de a maior parte das famílias ser formada por indivíduos majoritariamente em idade ativa, a escassez de oportunidades de emprego (MAE, 2014) que gerem renda considerável faz com que os poucos que trabalham tenham que compartilhar seus rendimentos com elevado número dos que não trabalham, o que contribui para a existência de muitas famílias com baixa renda *per capita*. Como será detalhado mais adiante, apenas 34% das pessoas economicamente ativas nas famílias dos entrevistados estão envolvidas em atividades diferentes da agricultura de autoconsumo. Entretanto, as análises sobre a renda dos AF do presente estudo devem ser consideradas como indicativas pelo elevado número de entrevistados que omitiram essa informação. A elevada omissão da renda pode ser associada ao caráter confidencial desse tipo de informação (Swanepoel et al. 2017).

Além da relação entre escolaridade do responsável do AF e renda, o nível de escolaridade tem sido associado à propensão de a unidade familiar ser pluriativa (Sakamoto et al. 2016). Com relação a essas duas variáveis, os resultados ilustram que 82,1% das famílias são pluriativas, dos quais 53,6% são chefiados por indivíduos com no mínimo sete anos de escolaridade (Tabela 4).

**Tabela 4.** Escolaridade dos chefes das famílias e a prática de pluriatividade<sup>4</sup> no distrito de Sussundenga (2018).

Nível escolar do chefe do AF	O AF é pluriativo? (%)		Total
	Não	Sim	
Não informado	0,7	4,3	5,0
Nenhum	0,7	5,0	5,7
Primário incompleto	9,3	19,3	28,6
Primário completo	2,9	10,7	13,6
Secundário do I Ciclo	2,9	25,0	27,9
Pré-universitário e superior	1,4	17,9	19,3
Total	17,9	82,1	100,0

N=140. Fonte: Dados de campo (2018).

Segundo Sakamoto et al. (2016), a escolaridade é um fator importante para a inserção no mercado de trabalho não agrícola mesmo em atividades que não exigem alta qualificação acadêmica. De fato, para um indivíduo ser vendedor de produtos, em especial alimentos processados (enlatados, biscoitos, sucos, trigo, etc), é essencial que ele tenha algumas habilidades de leitura para saber se estes estão ou não com os prazos em dia. Igualmente, as mesmas habilidades são necessárias para um indivíduo obter licença de condução de viaturas e ser transportador de passageiros ou de mercadorias. Estas duas atividades, o comércio de produtos e a condução de viaturas de transporte de passageiros ou de mercadorias são exercidas por cerca de 30% e 8,6% dos chefes de famílias, respetivamente. A relevância da escolaridade na inserção no mercado de trabalho não agrícola também pode ser ilustrada pelos dados de campo ao indicarem que do universo dos 60,6% dos chefes de famílias com no mínimo sete anos de escolaridade, 51,4% exercem atividades diferentes da agricultura.

<sup>3</sup> Esta foi definida com base no critério do Banco Mundial que considera que uma família está abaixo da linha de pobreza se a sua renda *per capita* for inferior a 1,25 USD por dia (Feijó & Mosca, 2016). Multiplicando os 1,25 USD pelos 30 dias do mês, obtém-se o valor da renda mínima mensal *per capita* para se aferir se determinada família está ou não abaixo da linha de pobreza.

<sup>4</sup> Pluriatividade é a combinação da prática da agricultura na exploração familiar e o envolvimento de pelo menos um membro da família em atividade não agrícola dentro desse núcleo doméstico. Nesse sentido, quando um indivíduo pratica agricultura na exploração de terceira pessoa, considera-se que a família desse sujeito é pluriativa.

Além da agricultura, que é praticada em todas as famílias entrevistadas, os membros desses agregados praticam outras atividades como a venda de produtos diversos (incluindo agrícolas), diversos trabalhos sazonais, trabalhos nas instituições públicas e privadas, serralharia, carpintaria, latoaria, transporte de passageiros e de mercadorias e outras. Os resultados deste estudo ilustram que 34% dos indivíduos com idade superior a 14 anos praticam atividades diferentes da agricultura de autoconsumo. Desse universo, a porcentagem de homens que praticam atividades diferentes da agricultura (50%) é mais que o dobro do das mulheres (19%), o que demonstra divisão sexual do trabalho, uma das características das culturas patriarcais (Brumer, 2004).

A importância da pluriatividade na formação da renda das famílias justifica a necessidade de analisar conjuntamente essas duas variáveis. Nesse sentido, os resultados do estudo mostram que das 40,7% de famílias com renda superior a um salário mínimo, apenas 2,1% não são pluriativas, o que ilustra a força da pluriatividade na formação da renda (Tabela 5).

**Tabela 5.** Renda mensal total e prática de pluriatividade nas famílias do distrito de Sussundenga (2018).

Renda mensal total do AF (em salários mínimos)	O AF é pluriativo? (%)		Total
	Não	Sim	
Não informada	12,9	20,0	32,9
Até 1	2,9	23,6	26,4
Entre 1,1 e 2	0,7	21,4	22,1
Entre 2,1 e 3	0,7	8,6	9,3
Mais de 3	0,7	8,6	9,3
Total	17,9	82,1	100,0

N=140. Fonte: Dados de campo (2018).

Cabe destacar que os dados de campo evidenciam que a agricultura em Sussundenga é praticada com baixo nível tecnológico e nem sempre é bem sucedida, o que contribui para o seu baixo desempenho. Nesse contexto, conforme destaca Maluf (2003), a prática da pluriatividade constitui uma das estratégias de diversificação da renda das famílias rurais.

Entretanto, as entrevistas aos produtores revelam que mesmo com o baixo desempenho da agricultura, a atividade ainda continua relevante na formação da renda das famílias. Por exemplo, quando perguntados sobre a atividade que contribui com maior fração na renda das suas famílias, 47,1% dos entrevistados mencionaram a agricultura, outros 47,1% indicaram as atividades diferentes da agricultura (principalmente as exercidas pelos chefes das famílias) enquanto 5,8% não souberam responder. Dada à relevância que a agricultura desempenha no distrito, considera-se crucial apresentar as características das explorações agrícolas. A ênfase recai sobre o milho por ser a principal cultura das produzida na região de estudo.

### 3.2 Características das explorações dos produtores de milho

Segundo Grisa e Schneider (2008a), a produção para o consumo familiar atende em grande medida as necessidades alimentares, mas há alimentos que não podem ser produzidos pela família e que são indispensáveis. Nesse sentido, o atendimento dessas e de outras necessidades demanda que a família venda parte da produção. Esse é o caso dos produtores do distrito de Sussundenga que ao diversificarem a produção satisfazem parte das demandas de consumo, mas também vendem parte desses produtos. Para contemplar estas duas esferas, consumo e venda, a preferência recai sobre as culturas que apresentam a marca da “alternatividade”, portanto, as que possibilitam tanto ser consumidas quanto vendidas (Grisa & Schneider, 2008a). Percebe-se que maior parte das culturas produzidas pelas famílias do distrito de Sussundenga, como milho, feijões, olerícolas (tomate, couve, etc), inhame e frutas, apresenta as características da “alternatividade”, o que corrobora com Grisa e Schneider, (2008a). Esses produtos são majoritariamente produzidos e comercializados localmente pelos próprios produtores ou por pessoas pertencentes

aos seus AF. Além dessas culturas, as famílias produzem gergelim, milho miúdo (*baby corn*) que são consideradas de rendimento.

Segundo dados obtidos em campo, o distrito de Sussundenga recebe número considerável de atravessadores interessados em comprar milho e feijões para posteriormente comercializar esses produtos em mercados urbanos como Chimoio, Beira e Maputo. Além desses atravessadores, o milho é também demandado pelas empresas Deca e Cervejas de Moçambique que o adquirem em quantidades consideráveis para o processamento em farinha de milho e para fabricação de cerveja, respetivamente. Segundo os mesmos dados, essas empresas pagam baixo preço ao produtor porque alegadamente o milho produzido em Sussundenga apresenta baixa qualidade, situação que afeta negativamente os benefícios que os produtores tirariam desse negócio.

Quando questionados sobre a cultura mais importante, 90,7% dos entrevistados escolheram o milho com a justificativa de ser base de alimentação. O milho é moído para produzir farinha que é usada para confeccionar “chima”, um alimento que faz parte da dieta diária das famílias do distrito de Sussundenga. Apenas 9,3% dos AF escolheram outras culturas (gergelim, olerícolas, feijão, arroz e frutas) como as mais importantes pela justificativa de serem economicamente mais rentáveis que o milho. É interessante mencionar que mesmo os produtores que praticam agricultura com principal orientação ao mercado, escolheram o milho como a cultura mais importante com justificativa de ser o alimento básico. Essa constatação permite afirmar que a prática da agricultura em Sussundenga carrega elevado valor simbólico porque mesmo os produtores com orientação ao mercado não escolhem as culturas a cultivar movidos apenas por questões econômicas. Se os parâmetros econômicos fossem os únicos condicionantes da escolha do produto a cultivar, os produtores não iriam eleger o milho como a principal cultura tendo em conta que a produção desse cereal é tida como pouco rentável se comparada com olerícolas, feijões, gergelim, etc. Este simbolismo está relacionado ao que Van der Ploeg (2003) denomina “repertório cultural” que segundo o autor, é um conjunto de noções estratégicas que guiam as ações práticas e o comportamento dos agricultores. Na mesma vertente, Grisa & Schneider, (2008a) apontam aspectos de legitimidade que as famílias ganham ao satisfazer as suas necessidades alimentares por meio da produção própria. Ao mostrarem que existem questões simbólicas e culturais envolvidas na escolha das culturas a produzir, os autores acima mencionados ajudam a explicar a escolha do milho como a cultura mais importante pela maior parte dos entrevistados apesar de sua produção ser economicamente pouco rentável.

Mudema et al. (2012) mencionaram que em Moçambique nem sempre é rentável produzir milho sem uso de fertilizantes, sementes certificadas e em condições de sequeiro. A afirmação desses autores é secundada por discursos de produtores de Sussundenga ao reagirem se teriam ou não interesse de aumentar a produção de milho dados os gargalos que atualmente enfrentam.

Eu só vou continuar a produzir (referindo-se ao milho) para garantir a alimentação na minha casa. (Agricultora A de Dombe, 2018).

Na verdade não tem muito interesse em aumentar a produção de milho. Você pode cultivar uma farma muito grande e quando chegar o momento de venda, verificar que o valor que vai receber é menor que os gastos. Então, na verdade não tem muito interesse aumentar a produção de milho nessas condições. (Agricultor B de Dombe, 2018).

Pelo exposto, percebe-se que a lógica da produção de milho está sustentada pela visão pré-capitalista que dá mais importância ao valor de uso (autoconsumo) do que ao valor de troca (venda). Nessa perspectiva, o esforço da maioria das famílias é de alocar recursos (força de trabalho, terra, etc) para produzir milho até à satisfação das suas necessidades alimentares. Depois disso, esforços adicionais alocados para a produção desse cereal são compensados por benefícios cada vez mais decrescentes. Segundo Grisa & Schneider (2008b), os AF produtores de autoconsumo procuram produzir de modo suficiente e que não exceda a demanda familiar. Se a produção exceder o consumo familiar, estar-se-á consumindo tempo e força de trabalho que poderiam ser deslocados para outras culturas também necessárias. A importância atribuída ao valor de uso de milho é também ilustrada por 47,2% dos AF que afirmaram cultivar esse cereal apenas para o autoconsumo enquanto os restantes 52,8% cultivam para

autoconsumo e para venda. Portanto, muitos produtores atribuem alto valor de uso ao milho, o que mostra que o principal papel desse cereal é a garantia da segurança alimentar e nutricional.

Na percepção dos produtores, o custo de insumos agrícolas (sementes melhoradas, adubos e pesticidas) é alto, mas o preço de milho é baixo. Dados obtidos em campo indicam que o quilo de semente certificada de milho chega a custar 250,00 MT, o litro de inseticida custa cerca de 800,00 MT e o saco de 50 quilos de adubo ureia ou NPK custa cerca de 2.500,00 MT. Entretanto, o preço médio de quilo de milho que os produtores locais receberam entre os meses de março de 2017 e março de 2018 foi de apenas 6,70 MT<sup>5</sup>. O mercado agrário do distrito de Sussundenga é caracterizado por falhas de mercado, o que explica grandemente a visão pré-capitalista que os produtores atribuem ao milho. Portanto, sob ponto de vista de análise custo-benefício, a atitude dos agricultores é racional, pois a produção de milho envolve elevados custos que na atual situação não são compensados pelos rendimentos monetários dessa atividade. Segundo Candido (2013), as falhas de mercado podem ser classificadas em externalidades, informação assimétrica, bens públicos e poder de mercados. De fato, no caso do distrito de Sussundenga, as precárias vias de acesso (bens públicos) encarecem os custos de transação, o que influencia negativamente a predisposição de as famílias agricultoras expandirem a produção e produtividade de milho. A melhoria das vias de acesso é apontada como crucial para aumentar a eficiência de mercados agrários.

A Tabela 6 mostra que 32,9% dos entrevistados cultivam parcelas entre um e cinco hectares de milho. Entende-se que diante das situações que não favorecem a produção com orientação ao mercado, muitas famílias tendem a cultivar parcelas de milho em áreas que permitem a obtenção da quantidade necessária para satisfazer as suas demandas alimentares.

**Tabela 6.** Tamanho das parcelas de milho dos produtores do distrito de Sussundenga (2018).

<b>Tamanho das parcelas (hectares)</b>	<b>Porcentagem</b>
Não informado	47,1
Ate 1	8,6
Entre 1,1 e 5	32,9
Entre 5,1 e 10	7,1
Maior que 10	4,3
Total	100,0

N=140. Fonte: Dados de campo (2018).

A porcentagem de famílias com parcelas de milho superiores a cinco hectares é muito reduzida. Em média, as parcelas de milho têm dimensão de 4,30 hectares, mínimo de 0,5 hectare e máximo de 28 hectares. A grande variabilidade do tamanho das parcelas de milho mostra que apesar de o mercado agrário local não ser muito favorável à produção dessa cultura, existem produtores que se dedicam ao cultivo desse cereal com principal orientação ao mercado. De fato, dos 11,4% de produtores com parcelas de milho superiores a cinco hectares, apenas um destina todo o milho ao autoconsumo da família. Entretanto, 47.1% dos AF tiveram dificuldades de fornecer informação sobre o tamanho das parcelas de milho. Isso se deve ao fato de que possivelmente, a medição e registro das parcelas de milho não são muito relevantes atendendo que para a maioria dos entrevistados, a utilidade primária dessa cultura é o autoconsumo.

#### 4. Considerações Finais

A análise do perfil do gênero dos chefes das famílias rurais do distrito de Sussundenga evidencia que a maioria desses sujeitos é do sexo masculino. Na região de estudo, os homens em especial os chefes das famílias, têm maior nível escolar e

<sup>5</sup> Este valor foi estimado com base nos dados do Sistema de Informação dos Mercados Agrários (SIMA). Para mais informações, consulte <http://www.masa.gov.mz/sima/>

muitos exercem atividades diferentes da agricultura se comparados às mulheres, o que configura divisão sexual de trabalho. As mulheres enfrentam muitas barreiras para estudar.

A pluriatividade está presente na maioria das famílias e está associada ao nível de escolaridade do responsável desses AF e à renda mensal. Embora a pluriatividade seja crucial na formação da renda das famílias, a agricultura continua atividade importante nas famílias, a avaliar pelo elevado número de entrevistados que afirmaram que a maior parte de renda é oriunda dessa atividade. Ainda sobre a renda, o estudo aponta que usando o critério de renda *per capita*, a maior parte das famílias vive abaixo da linha de pobreza. Desse modo, o desenvolvimento de projetos de geração de renda (sejam agrícolas ou não), continua crucial para reduzir a pobreza das famílias do distrito de Sussundenga.

As famílias do distrito praticam uma multiplicidade de culturas com propósitos alimentares e comerciais. O milho, a cultura predominante, desempenha papel crucial na dieta das famílias do distrito e carrega valores simbólicos. O estudo aponta para a existência de vários fatores que tornam vulnerável a produção de milho no distrito, nomeadamente, as precárias vias de acesso, as estruturas de mercado e assimetria de informação entre os produtores e os compradores. Isso faz com que embora no mercado local existam compradores, a produção do milho seja economicamente pouco atrativa.

A intervenção das instituições públicas visando corrigir essas falhas é essencial. Nesse sentido, faz-se relevante a melhoria das vias de acesso, pois tem potencial de reduzir os custos de transporte, o que pode despertar o interesse das famílias em aumentar a produção e produtividade de milho. As instituições públicas, privadas e ONGs são sugeridas a ajudar na criação de mais associações e na consolidação das atualmente existentes, pois estas têm potencial de aumentar o poder dos agricultores na negociação dos preços de insumos agrícolas e de milho. Essa ação pode ampliar os resultados econômicos da produção de milho no distrito de Sussundenga, o que melhoraria a situação econômica das famílias, que atualmente é caracterizada por renda *per capita* bastante reduzida.

Futuros trabalhos são sugeridos a pesquisar as diferentes alocações de recursos como força de trabalho e terra que as famílias rurais do distrito de Sussundenga podem adotar para a combinação de diversos cultivos e produção pecuária de modo a maximizar a renda familiar e ao mesmo tempo satisfazerem as suas demandas em alimentos.

## Referências

- Baker, P. (1988). Participation in small groups: Social, physical, and situational predictors. *Small group behavior*, 19 (1), 3-18.
- Brumer, A. (2004). Gênero e agricultura: A situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12 (1), 205-227.
- Candido, J. (2013). Falhas de mercado e regulação no saneamento básico. *Revista Informe Econômico*, 1 (1), 85-89.
- Cunguara, B. et al. (2013). *O Sector Agrário em Moçambique: Análise situacional, constrangimentos e oportunidades para o crescimento agrário*.
- Dias, P. (2013). *Analysis of incentives and disincentives for maize in Mozambique. Technical notes series*. MAFAP. FAO. Rome. <http://www.fao.org/3/a-at575e.pdf>.
- Feijó, J. & Mosca, J. (2016). *Menos Pobreza e Mais Pobres: Reflexões Sobre o IOF 2014/5*. Destaque Rural Nº 17. Observatório do Meio Rural. Maputo.
- Grisa, C. & Schneider, S. (2008a). Plantar pro gasto": a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 46 (2), 481-515.
- Grisa, C. & Schneider, S. (2008b). Fatores Determinantes na produção para autoconsumo na agricultura familiar: um estudo comparativo no Rio Grande do Sul. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*, 17 (2), 47-74.
- Instituto Nacional De Estatística-INE (2015). *Relatório Final do Inquérito ao Orçamento Familiar - Iof-2014/15*. Maputo.
- King, E., & Winthrop, R. (2015). *Today's challenges for girls' education*. Brookings Global Working Paper Series.
- Maluf, R. (2003). A multifuncionalidade da agricultura na realidade rural brasileira. In "Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar". Mauad, p. 135-152, Cameiro, M., & Maluf, R. (Organizadores).
- Manala, M. (2015). African traditional widowhood rites and their benefits and/or detrimental effects on widows in a context of African Christianity. *HTS Theological Studies*, 71 (3), 01-09. <http://dx.doi.org/10.4102/hts.v71i3.2913>

- Marassiro, M. Oliveira, M. & Pereira, G. (2021). Agricultura familiar em Moçambique: Características e desafios. *Research, Society and Development*. 10 (6), e22110615682-e22110615682.
- Melesse, B. (2018). A Review on Factors Affecting Adoption of Agricultural New Technologies in Ethiopia. *Journal of Agricultural Science and Food Research*. 9 (3), 1-4.
- Ministério da Administração Estatal-MAE. (2005). *Perfil do distrito de Sussundenga*. Província de Manica.
- Ministério da Administração Estatal-MAE. (2014). *Perfil do distrito de Sussundenga*. Província de Manica. Maputo. Disponível em: <http://www.maefp.gov.mz/wp-content/uploads/2017/04/Sussundenga.pdf> Acesso em: maio. 2018.
- Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar-Masa (2015). *Anuário de Estatísticas Agrárias*. Maputo.
- Ministério do Trabalho, Emprego e Segurança Social (2016). *Boletim Informativo do Mercado do Trabalho-Nº 1*, Maputo, 2016. <http://www.mitess.gov.mz/sites/default/files/documents/files/Boletim%20I%20Trimestre%202016%20%20%20COMPLETO.pdf>. Acesso em maio de 2019.
- Mudema, J. Sitole, R. & Mlay, G. (2012). *Rentabilidade da cultura do milho na zona sul de Moçambique: Estudo de caso do distrito de Boane*. Relatório Preliminar de Pesquisa. n. 3, Maputo.
- Mwangi, M. & Kariuki, S (2015). Factors determining adoption of new agricultural technology by smallholder farmers in developing countries. *Journal of Economics and sustainable development*. 6 (5), 208-217.
- Neitzke, D. Favarão, S. & Dos Santos, M. (2014). Perfil das Agroindústrias Familiares Situadas na Região Centro-Occidental do Estado do Paraná. *Revista em Agronegócio e Meio Ambiente*. 7 (2).
- Olmos, G. (2011). *The benefits of educating girls in developing countries with a case study in Livingston*. Zambia. Project work 100 points.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. (3a ed.), Atlas.
- Sakamoto, C. Nascimento, C. & Maia, A. (2016). As Famílias Pluriativas e Não Agrícolas no Rural Brasileiro: condicionantes e diferenciais de renda. *Revista de Economia e Sociologia Rural*. São Paulo, 54 (3), 561-582. <http://dx.doi.org/10.1590/1234-56781806-94790540309>.
- Schwarze, S. (2004). *Determinants of Income Generating Activities of Rural Households. "A Quantitative Study in the Vicinity of the Lore-Lindu National Park in Central Sulawesi/Indonesia*. Göttingen.
- Sousa, L., & Guedes, D. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*. 30 (87), 123-139. doi: 10.1590/S0103-40142016.30870008.
- Swanepoel, J. Van Niekerk, J. & D'haese, L. (2017). The socio-economic profile of urban farming and non-farming households in the informal settlement area of the Cape Town Metropole in South Africa. *South African Journal of Agricultural Extension*. 45 (1) 131-140. DOI: <http://dx.doi.org/10.17159/2413-3221/2017/v45n1a447>.
- Uaiene, R. Arndt, C. & Masters, W. (2009). *Determinants of agricultural technology adoption in Mozambique*. Discussion papers. 67.
- Zidora, C. et al. (2018). O papel dos contratos e das ações coletivas na produção e comercialização do milho em Moçambique. *Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento*. (7) 4, 461-478, 10.3895/rbpd.v7n4.8745
- Van Der Ploeg, J. (2003). Uitgeverij Van Gorcum. *The virtual farmer: past, present and future of the Dutch peasantry*.